

À MARGEM DE UM RIO, À MARGEM DE UM TEXTO
VERSO LA FOCE,
DE GIANNI CELATI

Mariarosaria Fabris

Quatro diários de viagem, tão cheios de detalhes que fazem pensar no *carnet de bord* de um capitão, constituem a matéria deste romance de Gianni Celati, publicado em 1989.

Os diários registram as impressões do autor que, junto com alguns fotógrafos interessados em retratar a nova paisagem italiana, percorre em toda a sua extensão a chamada *Bassa Padana*, isto é, a planície inferior do rio Pó, sobretudo na região emiliana.

Estes aparentes *contos de observação* não são alinhados em ordem cronológica – primeira viagem: *Un paesaggio con centrale nucleare (Uma paisagem com central nuclear)*, 9-17 de maio de 1986; segunda: *Esplorazione sugli argini (Exploração das margens)*, 20-23 de maio de 1983; terceira: *Tre giorni nelle zone della grande bonifica (Três dias na zona do grande saneamento)*, 9 de maio-11 de junho de 1984; quarta: *Verso la foce (Em direção da foz)*, 31 de maio-4 de junho de 1983 –, mas seguem uma temporalidade e uma espacialidade intrínsecas à própria obra, que faz com que a viagem em direção ao delta do rio, onde o limite entre a terra e a água parece desaparecer, se transforme numa indagação metafísica sobre a condição humana.

Para um público menos familiarizado com a paisagem retratada, o livro, num primeiro momento, pode resultar pouco interessante. Mas isso só se o leitor se apegar ao aspecto mais "realista" do romance, que é a descrição minuciosa de cada trecho de viagem, de cada lugarejo visitado. Logo descobre, porém, que esse "realismo" não tem nada a ver com o que comumente se entende por esse termo e que se liga muito mais a outras experiências literárias e visuais.

De fato, ao lermos as anotações de Celati sobre cada etapa de sua viagem, temos a sensação de estar lendo, num certo sentido, as descrições feitas por Alain Robbe-Grillet em suas obras. Se na *école du regard* cada coisa era dissecada a partir de vários pontos de vista, em *Verso la foce*, embora mude o local descrito, não mudam as coisas focalizadas nem a maneira de focalizá-las. A impressão que resulta é a mesma: de tanto descrever, não se consegue reter visualmente o que está sendo descrito. É como se

estivéssemos apagando da memória o nosso passado, aquele passado cuja busca motivou a odisséia do autor.

Descobrimos então que, se quisermos captar as coisas descritas em sua essência, não podemos tomar cada etapa de cada viagem isoladamente, mas devemos considerar cada viagem em seu conjunto ou, melhor ainda, as quatro viagens juntas, as quais, dispostas fora da ordem cronológica, constituem o percurso interno de cada ser humano em direção do seu grande encontro (um encontro que no livro, aliás, é constantemente adiado).

Dessa forma, conseguiremos apreciar melhor o ritmo narrativo que Celati quis imprimir à obra, um ritmo regularmente cadenciado mas com repentinas condensações e dilatações, que nada mais fazem do que reforçar a sensação de que essa descrição em série, que se repete de viagem em viagem, de página em página (numa operação muito próxima da serialidade das imagens desenvolvida por Andy Warhol), é o modo que o autor encontrou para negar a aparente superficialidade do que está narrando.

Da enumeração de coisas banais, tão recorrente no *Nouveau Roman* ou na *Pop Art*, brotam momentos de grande beleza, páginas de imenso lirismo. A paisagem visitada transforma-se num desfile de detritos da sociedade industrial (que traz à lembrança *Fata Morgana*, de Werner Herzog), em que a harmonia do passado foi anulada para dar lugar a uma vida padronizada e vazia de significado. Daí a constante presença dos cemitérios nas anotações do autor – cemitérios de verdade e cemitérios metafóricos –, o que nos permite, de novo, passar do plano real para o plano metafísico. Se, de um lado, no acúmulo das sobras de nossa civilização, Celati está muito próximo do *Nouveau Réalisme* de um Arman (que expõe em suas obras o lixo da sociedade francesa), de outro, nesta viagem metafórica em direção da foz, em busca da origem – da origem e do fim –, comunga com James Joyce (*Os dublinenses*) e Jorge Luis Borges: a procura de um olhar familiar em Celati corresponde à evocação dos feitos de seus antepassados no escritor argentino. Assim como o rio que corre para o mar, a vida humana corre para a morte. Mas a morte não é entendida como fim: a morte é a busca do passado, é o momento de reencontro com os que nos antecederam. E esse reencontro com os mortos só é possível através das palavras, porque as palavras são a única coisa que pode nos manter vivos.

E o que é a literatura senão palavras? Escrever é reter as coisas, por isso é importante para o autor reconquistar a palavra (mas a palavra em sua essencialidade) nesta obra que começa se negando enquanto livro – uma vez que Celati não se furta a um certo experimentalismo –, para se afirmar como tal à medida que vai sendo escrita.